

Tradição oral afro-brasileira e escola: nas encruzilhadas da memória

Marluce de Lima Macedo¹

Resumo: Esse artigo é um estudo sobre a tradição oral afro-brasileira no município de Santa Bárbara – Ba, a partir de narrativas orais de professores, estudantes e pessoas da comunidade, refletindo sobre os significados dessas tradições na atualidade das pessoas com que dialogo. Esse diálogo entrelaça-se com outras vozes, presentes na literatura, que refletiram e refletem sobre a tradição, a tradição oral e, em especial, a tradição oral afro-brasileira. Tomo como referência importantes autores da contemporaneidade, que refletem sobre cultura e tradição, a partir dos chamados “Estudos Culturais” e outros autores, que me permitiram ampliar o olhar sobre a cultura negra e suas formas de (re)apresentação. Realizo ainda um profícuo diálogo com a História oral, enquanto técnica e metodologia de pesquisa.

Palavras chaves: Tradição oral afro-brasileira; escola; memória.

Abstract - In this article I look for to analyze what afro-Brazilian the verbal tradition is in the city of Santa Barbara – BA, from verbal narratives of professors, students and people of the community, reflecting as this tradition remained, it was silenced or transformed into the daily life of these citizens. I reflect, also, on which the meanings of these traditions in the present time of the people with whom I dialogue. This dialogue, as crossroads of multiple options, is interlaced with other voices, presents in literature, that they had reflected and they reflect on the tradition, verbal tradition, in special, the verbal tradition afro-Brazilian. In this reflection, important volume as reference authors of the comtemporarity, who reflect on culture and tradition, from the calls "Cultural Studies" and with other authors, that they had allowed me to also extend the look on the black culture and its forms of (re)presentation .I prepared one hard dialogue with verbal History, while technique and methodology of research.

Key words : Verbal tradition afro-Brazilian; school; memory

As manifestações da tradição oral afro-brasileira em Santa Bárbara² representam práticas educativas, que transmitem um saber concreto sobre a natureza, o cotidiano, o trabalho e a moral social. Também são definidoras de preceitos e regras que têm como função orientar a ação dos indivíduos e da comunidade nos universos culturais e sociais, provendo-os dos ensinamentos necessários à vida.

¹ marlucel.macedo@bol.com.br

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

²Essa reflexão é parte de um trabalho de pesquisa sobre tradição ora afro-brasileira e escola no município de Santa Bárbara. Santa Bárbara está situada na mesorregião Centro-Norte da Bahia, numa área de 325 Km², possui 17.933 habitantes, sendo 7.167 residentes na zona urbana e 10.766 na zona rural.

Essa reflexão é o resultado de um diálogo com as narrativas orais dos sujeitos entrevistados,³ ao mesmo tempo em que introduzo, nesse diálogo, outros diálogos sobre a temática em questão, a saber: uma literatura pertinente ao tema e anotações específicas do caderno de campo.

A tradição oral afro-brasileira, herança de conhecimentos variados, transmitidos de boca a ouvido, de geração em geração, se manifesta através dos mais diversos suportes da memória (narrativas, contos, cantos, provérbios, lendas, rituais religiosos, etc), funda-se na experiência de vida e encarna quase sempre uma totalidade – uma única tradição diz respeito a aspectos os mais variados: sociais, econômicos, religiosos, morais, éticos. Tradição afro-brasileira, porque, apesar de ser constituída por elementos de diversas tradições culturais, tem como uma importante dimensão a tradição oral africana, na excelência da palavra dita, no valor ao sagrado, na repetição e na transmissão de saberes.

A tradição oral afro-brasileira se constitui seguramente nas manifestações hegemônicas numérica e culturalmente, pelas populações negras.

No caldeirão formado pelas tradições orais afro-brasileiras, alguns elementos se constituem em expoentes desses repertórios culturais:

[...] expressões fortes que as comunidades reconhecem e processam como expressões de sua identidade: As relações de parentesco e solidariedade e formas de lidar com o cotidiano, na saúde, no trabalho, nas concepções de mundo, de vida e de ser humano, bem como as festas e grupos culturais [...] (CUNHA JÚNIOR; LIMA, 2002, p. 6)

Nas narrativas dos entrevistados surgiram manifestações do cotidiano que expressam formas de identidade, de concepção e relação com o mundo, personificadas nas atividades de trabalho, de festa ou lazer, de religiosidade e cura. Essas manifestações constituem importantes expoentes da tradição oral afro-brasileira.

1 *Lindro-amor, Reza de São Cosme e Reisado, no compasso do Samba.*

Trilhando pela tradição afro-brasileira em Santa Bárbara, elegi como expoentes desse repertório cultural, manifestações como o *Lindro-amor*, as *Rezas de São Cosme e São Damião*, os *Reisados*, as *histórias ou contos*, os *cantos e as sociabilidades relacionados ao trabalho, rezas, chás*, entre outras citadas nas entrevistas.

³ Foram entrevistados estudantes, professores, e pessoas da comunidade, somando um total de 13 entrevistas.

Reporto-me a esses expoentes num diálogo com os entrevistados, iniciando com as palavras de Boaventura:⁴

O Lindro-amor é uma caminhada preparada por pessoas que são devotas de São Cosme, as pessoas arrumam grupos de vinte a trinta pessoas, enfeitam os chapéus, pegam o quadro de São Cosme colocam na caixinha, enfeita de flores, faz a bandeira, aí vai um grupo de homens com pandeiro, um grupo de mulheres com o chapéu enfeitado, saem de casa em casa, faz o percurso do dia todo, naquela casa onde chega, faz o samba, recebe a esmola, faz o agradecimento. Então volta pra casa, no outro dia torna a sair de novo, é uma caminhada de dois dias e aí se marca o dia da reza. No dia da reza o pessoal se reúne, faz caruru, mata carneiro, reza, samba, e aí amanhece o dia todo mundo vai pra casa descansando e agradecendo o louvor que fez para São Cosme e São Damião. Essa tradição, ela é feita todos os anos, assim a partir de setembro até dezembro [...] vai passando de pai para filho, de filho para neto, de neto para bisneto e se transforma numa cultura hereditária.

O Lindro-amor é cantado na forma de bendito, batuque e samba. Essa manifestação é muito importante para a comunidade, pois durante a caminhada se efetuam negócios, se arranjam namoros e casamentos, além de rever parentes, compadres e amigos.

A *reza de São Cosme e São Damião* é considerada uma manifestação que ultrapassa o caráter rural ou urbano, para Rodrigo⁵, estudante da 8ª série acontece da seguinte forma:

[...] as rezadeiras começam a rezar, depois dá o caruru e tem o samba, quando começa o samba primeiro quem entra é a mãe do terreiro, a dona da casa é quem primeiro samba e começa a sambar, e aquelas pessoas que tem também o “santo“, aí se manifestam, começam a dançar.

A *reza de São Cosme e São Damião* é sempre marcada por um fazer grupal, um sentimento de participação e solidariedade nas divisões de tarefas. Para a maioria das pessoas pobres, sem recursos financeiros, a *Reza de São Cosme* é uma realização difícil, somente através da solidariedade comum, dos “acertos” (negociações de produtos diferenciados, de dias de trabalho...) e da importância creditada a esses valores culturais, que dão significado aos grupos sociais, essa festa/ritual continua viva.

Sendo criativa e dinâmica, ela revela as possibilidades de negociação criadas e recriadas cotidianamente pelos afro-brasileiros, como parte da sociedade não hegemônica, no sentido de desenvolver uma contra-hegemonia ou uma hegemonia alternativa, conforme diz Williams (1979): uma resistência continuada, limitada, alterada, desafiada por pressões que não são as suas próprias pressões.

⁴ Professora leiga, lavradora, 42 anos, cursa o 1º ano do nível médio. Identifica-se como negra.

⁵ Estudante, 13 anos, cursa a 5ª série do ensino fundamental. Identifica-se como negro.

O *reisado* – Também é uma manifestação citada nos depoimentos. Roberto o descreve assim:

O *reisado* é uma festa que acontece sempre dia de reis[...] as pessoas saem de porta em porta [...] marca uma casa da pessoa combinada, reúne toda a comunidade que for possível e aparece meia-noite de surpresa e lá os donos da casa sem esperar recebe o samba do *reisado*[...] o pessoal tentando dentro de casa arrumar a casa toda pra receber, sabendo que vai ter samba e acaba em samba no final. O interessante é que quando é uma coisa improvisada, eles já levam toda uma alimentação, em termos de bebida, de lanches, se for ter lá alguma coisa pra comer já levam por conta e lá o dono da casa é quem paga tudo isso no final. É uma festa que tem o sentido de diversão, na verdade uma tradição que ele leva pra divertir, pra comemorar o dia de reis.

Macêdo (1997) descreve uma outra face da “Festa de reis”, nas comunidades barbarenses, quando fala das Lapinhas – espécie de presépios armados antes do Natal, na sala principal da casa, representando o nascimento de Jesus. As Lapinhas, em geral colocadas alguns dias antes do natal, permanecem até o “Dia de Reis” - 06 de janeiro - quando é retirada e queimada no terreiro, com festas, músicas, batuques. Numa conversa sobre este tema⁶, Macêdo diz que sua mãe e sua avó falavam “que se queima o mato da Lapinha, porque é sagrado, o que é sagrado não pode ser jogado fora”.

Aqui a dimensão do sagrado conduz à idéia de patrimônio simbólico e do universo negro, onde o sagrado sempre presidiu à origem de todas as ordens. Por meio do sagrado, diz Sodré (1988), os negros refizeram em terras brasileiras uma realidade fragmentada pela diáspora.

O Reisado, a Reza de São Cosme e São Damião, o Lindro-amor e muitas outras tradições de forte conteúdo afro-brasileiro são traduzidas como festas, porque são vivências de festa. A marca mais constante e arraigada destas festas é o samba.

Para Sodré (1998), as fontes geradoras de significação para o samba estão localizadas na cultura negra e o indicam como aspecto dessa cultura – “*continuum*” africano no Brasil e modo brasileiro de resistência cultural – que encontrou o seu próprio sistema de recursos de afirmação da identidade negra.

Em Santa Bárbara o samba confirma esse seu lugar de resistência, da afirmação do corpo como instrumento do prazer, do desejo e da alegria.

⁶ Este diálogo realizado com Maria José Macêdo, está anotado no nosso caderno de campo e data do dia 28/11/03, ele buscava justamente uma explanação sobre os motivos da *Queima de Lapinha*.

2 - Contando, cantando e rezando: Histórias nas veredas do tempo

Os *contos* ou *histórias*, são verdadeiras viagens pelo caminho da efabulação, narrativas dramáticas, engraçadas, moralistas e quase sempre sonoras, carregam os ouvintes pelas veredas dos tempos e dos espaços.

As histórias em Santa Bárbara sofrem variações no tempo e no espaço, contadas através da oralidade, ora são em formas de cantigas, ora de textos, ou mescla as duas formas com harmonia e sonoridade. Cantigas, textos míticos, histórias de seres ou animais naturais ou sobrenaturais, de lendas ou parábolas, explicitam um sistema, são instrumentos de ensinamento e educação.

Assim, essas histórias demarcam uma experiência e um aprendizado importante no fazer da educação familiar. Joselita⁷ diz:

Então, às vezes hoje, eu me reúno com os meus netos, que são cinco netinhos, eu me reúno com eles e passo a contar como foi que eu vivi a minha vida na minha infância não é, e eles gostam muito, riem entendeu?

Essas palavras apontam para uma importante questão dentro das tradições orais: a relação entre gerações como forma de transmissão de conhecimento e educação. Nessas relações, geralmente os mais velhos cumprem esse papel de educar e prover as gerações mais novas dos ensinamentos necessários à vida.

As histórias, contos e lendas procuram educar a primeira infância e a adolescência, definindo preceitos e regras necessárias ao universo cultural e social.

As histórias funcionam como um eficiente pretexto para reunir a família ou parte dela em torno de um núcleo comum, colaborando para o diálogo entre gerações diferenciadas.

O estudante de 13 anos, Rodrigo, parece confirmar a sobrevivência dessa tradição mesmo diante da vida urbana e dos artifícios criados pelos meios de comunicação e a mídia, quando diz: “Minha mãe me ensinou várias coisas, me ensinou em primeiro lugar a respeitar os mais velhos, e ajudar dentro de casa”. Depois, se reportando ainda aos cuidados que tem com o irmão, ele diz: “Olha, eu boto comida dele às vezes, boto ele para dormir, conto histórias para ele, canto música de ninar”. E afirma que seu irmãozinho de 7 anos não só aprende, como já sabe contar estas histórias.

Muitas histórias ouvidas e /ou aprendidas, nos conduz inexoravelmente a uma relação com a África e a cultura africana, porque essas histórias, contadas e recontadas ao

⁷ Lavradora, doméstica, 61 anos. Identifica-se como negra.

longo dos anos, surgiram da boca dos nossos ancestrais trazidos pela escravidão, na sua diáspora, e foram passando aos ouvidos das demais gerações. Histórias como a do “macaquinho de Angola”⁸ é uma versão brasileira da “Permuta” africana (conto dos waissoukouma), “As permutas” sempre revelam a habilidade de saber trocar ou negociar algo.

Histórias contadas, nas comunidades barbarenses, apresentam certamente várias características dos gêneros africanos, como a *Maka*⁹ – forma de narrativa africana contada e percebida como sendo verídica, num relato onde não se pode pôr em dúvida o caráter do acontecido. Muitos dos entrevistados identificam, nas histórias aprendidas e repetidas, o cunho didático-pedagógico próprio da *maka*, onde, via de regra, se estabelece um ensinamento moral.

Banhos, rezas e chás também são tradições fortes e presentes na história das comunidades em geral, e nos depoimentos das pessoas entrevistadas. Como as demais manifestações da tradição oral afro-brasileira, compõem uma tradução de campos de saberes e de culturas diversas e é ainda hoje, um dos principais recursos utilizados por parte da população para cura de doenças de todo tipo – físicas e espirituais. Essas tradições possuem uma forte ligação com a religiosidade.

Lessa (2003), ao analisar os *Saberes e Práticas de Cura*, no município de Santo Antonio de Jesus, no Recôncavo Sul baiano, nos diz que muitas benzedeadas revelam que de nada adianta rezar apenas as doenças que as pessoas têm nos corpos ou nas cabeças, porque a reza, para efetivamente curar o doente, tem que ter muita crença, sobretudo muita fé em Deus.

Portanto, rezadeiras e curandeiros são mulheres e homens que possuem o dom da palavra e a dominam através da fé. Nessa relação a palavra é sagrada, intensa, significativa, e, até certo ponto, secreta. As pessoas não procuram curandeiros e rezadeiras apenas para curar males físicos ou corporais, mas também para resolverem problemas afetivos conjugais, econômicos e até mesmo psicológicos.

É muito comum que benzedores e rezadeiras tenham fortes vínculos com alguma religiosidade negra – Candomblé, Umbanda – senão Pai ou Mãe de Santo, iniciados e freqüentadores de terreiros. Também é comum que façam parte de uma outra religião como o Espiritismo – caso aqui citado – e mais freqüentemente do Catolicismo, aquele geralmente denominado de catolicismo popular.

⁸ Boaventura conta essa história, onde um macaco muito esperto efetua várias trocas e no final gaba-se disso, afirmando-se “macaquinho de Angola”.

⁹ Gênero narrativo praticado pelos bantus de Angola, que retrata histórias verdadeiras ou reputadas como verídicas, compreende as tradições históricas trazidas pela oralidade, histórias instrutivas, experiências vividas. A tendência didática destas histórias não é técnica mas social, até certo ponto correspondem aos exemplos. Sobre o tema ver Padilha (1995).

Em Santa Bárbara, como em todo Brasil, curandeiros, rezadeiras, parteiras, tiveram suas práticas de cura proibidas, perseguidas, demonizadas – historicamente – por leis, códigos, decretos, projetos “higienizadores”, disciplinadores, que tinham a força e o poder de dizer-se científico e dono da verdade. Também as igrejas cristãs – católicos e protestantes – muito contribuíram na construção de um imaginário social negativo sobre essas práticas de ritos e matizes negros/africanos, incentivando a rejeição, a perseguição e a repressão das mesmas, como práticas profanas e demoníacas.

Mas, apesar das perseguições e dos percalços enfrentados, essas práticas estão bastante consolidadas e impressas no cotidiano da comunidade barbarensense.

2 - No barro, na letra, na voz, no desejo: trabalho e festa

Passo, agora, à abordagem dos “rituais de trabalho” ou formas de sociabilidades/solidariedades desenvolvidas no ambiente de trabalho, onde as atividades dos trabalhadores são geralmente marcadas pelos chamados, na nossa literatura oral, de “Cantos de trabalho” - canções relacionadas às labutas diárias dos trabalhadores e/ou a determinadas práticas de produção, geralmente de cunho popular.

Esses trabalhadores a que me refiro são geralmente do meio rural: pequenos proprietários de terra, arrendatários, diaristas, meeiros.¹⁰

Nas falas dos entrevistados, os “rituais de trabalho” estão bastantes presentes nas atividades rurais e quase sempre dizem respeito ao plantio e à colheita de determinadas culturas. A “Bata de feijão”, a “Raspa de mandioca”, são exemplos de manifestações ritualísticas, sonoras e coletivas, de caráter marcadamente comunitário, no sentido da participação efetiva de quase todos os membros de determinados espaços.

Roberto explica a “Raspa de mandioca” na sua comunidade de infância:

[...] no momento que eles vão rancar a mandioca, já começa a fazer o mutirão dos homens. Depois normalmente as mulheres é que faz o mutirão para raspar a mandioca... O dono da mandioca deixa cada uma tirar goma para fazer o seu beiju e no final começa a cevar a mandioca, no outro dia começa a torrar a farinha e quando é o último dia esse pessoal geralmente se reúne de novo para fazer o beiju. E é um momento também de festa. Os pais

¹⁰ Em Santa Bárbara, a maior parte da população rural ou não tem terra, ou são donos de pequenas propriedades, onde vive e trabalha toda família. A falta de terra própria para o sustento faz com que os trabalhadores recorram aos donos de fazendas, trabalhando ainda como arrendatários – arrendando a terra, numa espécie aluguel da mesma, a terra é tomada para o plantio e paga com parte do resultado da lavoura; também ainda se pratica a meação, ou seja, planta-se na terra de alguém e dá em troca a metade da colheita.

quando iam para lá, levavam as crianças, eles aproveitavam para ficar brincando no terreiro, brincando de roda, outras brincadeiras infantis.

E Boaventura diz, sobre a bata de feijão:

A bata do feijão ela era feita com o mutirão de pessoas, o mutirão ele tem importância da unidade da comunidade em conjunto, as pessoas se reúnem, coloca o feijão no meio do terreiro, faz a pilha do feijão, rodeia de homens com cacete, mulheres com vassouras, com arupembas – peneiras para beatar o feijão – e aí vai batendo o feijão e cantando [...].

Essas “passagens” de trabalho contadas remontam as relações travadas nessas atividades da roça, tarefas reservadas às mulheres, às crianças, aos homens; permanência dos que “se foram” na memória e nas vivências dos vivos. A afirmação da música como elemento incontestado na marcação do ritmo de trabalho.

Sobre essa relação entre trabalho negro, música e dança, Costa (1998), referindo-se aos aspectos da vida dos escravos no Brasil colonial, diz que, na cidade e no campo, o escravo trabalhava ao som de uma toada rítmica ou de chocalho.

Todas as entrevistas convergem para a valorização do espírito coletivo e de cooperação das atividades em questão, afirmando que a ausência desses “rituais de trabalho” não só torna mais difícil a realização das tarefas na roça e a sobrevivência dos grupos, como causa um vazio cultural e instaura uma profunda crise de identidade entre negros e mestiços rurais.

A tradição oral afro-brasileira se traduz num modo de vida que não se dá apenas na ausência da escrita ou do conhecimento estabelecido pela mesma. Esse modo de vida foi criado e recriado nas suas ações e significados, apontando para o poder que negros e mestiços brasileiros, e talvez todos os povos provenientes de diásporas, tiveram e têm de reconstruir, sobre a opressão e a dor, uma nova humanidade, o que Gilroy (2001) conceituou como o “sublime”.

Mattos (2003) se reporta ao “sublime”, ao dizer como essas experiências de trabalho e festa, no universo religioso ou em outras formas de expressões criativas, produzem valores e significados, ao referir-se às experiências contadas pelas “memórias de velhos”, numa pesquisa realizada no recôncavo sul da Bahia, que se intitula *Negras Lembranças: memória de dor e da alegria*:

As histórias de vida – opção inicial acerca do formato dos depoimentos – registram em proporção significativa, fatos, práticas, processos, hábitos e concepções que configuram aquilo que Paul Gilroy codificou conceitualmente como o “sublime”, ou seja, a dimensão redentora da dor ou

a capacidade criativa que as populações negras tinham, na escravidão, e têm, ainda hoje, de transformar a experiência da exclusão social, da opressão, do preconceito e da discriminação racial, em substrato cultural-existencial vivido, voltado para a afirmação positiva e celebração da vida, principalmente através da inventividade nas formas de expressão criativas como a música, a dança e outras artes performáticas, mas também na edificação de valores humanos, ético-relacionais, cuja dimensão prática nas lutas empreendidas cotidianamente pelas populações negras da região, são evidentes: a astúcia em arranjar cotidianamente a sobrevivência; a solidariedade como imperativo ético nas relações intra e intergrupos; na fé na vida como possibilidade e devir, a certeza de que tudo pode melhorar (MATTOS, 2003, p.233)

O “sublime” também está bastante explícito nas palavras de Boaventura:

Esses encontros que acontecem na comunidade, como as noites de reza, Lindro – Amor, a bata de feijão, a planta de feijão, a bata de milho, a descasca de milho, nessas caminhadas da vida as pessoas se encontram e às vezes as pessoas negociam, às vezes as pessoas paqueram, surgem casamentos, também as pessoas bebem, outras pessoas ficam aborrecidas, cria tumulto de briga, mas aonde estão reunidos termina chegando tudo em acordo, porque quando um se aborrece, dois e três tá ali para acolher e não deixa acontecer nada demais. É um aconchego muito bom nessa noite, muito divertido e são coisas assim que a gente não pretende deixar esquecer na comunidade, a gente pretende que essa caminhada vá cada dia mais crescendo. Mesmo que hoje a gente tá vivendo uma tecnologia assim moderna, que já tem máquina pra descascar milho, já tem máquina pra bater milho, agora tem pessoas na comunidade que faz questão deste laço da tradição.

As narrativas mostram que nenhuma tradição quer morrer, e seus locutores desejam dar-lhe continuidade ainda que sob outras formas e/ou outros diálogos, no afã de perpetuá-la.

REFERÊNCIAS

- CASCUDO Luis da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à Colônia*. São Paulo: UNESP, 1998.
- CUNHA JÚNIOR, Henrique; LIMA, Maria Batista. Repertórios culturais de base africana, identidades afrodescendentes e Educação em Sergipe. In: NÚCLEO DE ESTUDOS NEGROS (NEN). *Multiculturalismo e a Pedagogia multirracial e popular*. Florianópolis: Atilênde, 2002.
- GILROY, Paul. *O atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- LESSA, Denílson dos Santos. *Saberes e Práticas de Cura – Santo Antonio de Jesus 1941 – 1977*. Santo Antonio de Jesus: Digitado, 2003.
- MACÊDO, Maria José de Lima. *Lembranças e andanças*. Santa Bárbara, 1997.

- MARTINS, Leda Maria. A oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MATTOS, Wilson Roberto de. Valores civilizatórios afro-brasileiros, políticas educacionais e currículos escolares. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 12, n. 19, p. 229-234, jan./jun. 2003.
- PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EDUFF, 1995.
- SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- SOUZA, Edinéia Maria Oliveira. *Memórias e tradições: viveres de trabalhadores rurais do município de Dom Macedo Costa – Bahia (1930 a 1960)*. 1999. Dissertação (Mestrado em História)– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.